

02

ÉCRITURE ARTISTE: UM ESTUDO SOBRE O ESTILO DE JOÃO DO RIO E A ESTÉTICA ART NOUVEAU¹

Mauricio Silva

Mauricio Silva

Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo; é professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho, onde atua também como líder de pesquisa do grupo Educação e Razões Literárias (certificado pelo CNPq); atuou como pesquisador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (2012 a 2013) e como pesquisador-residente da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (2016-2017); é autor de livros diversos, como *A Hélade e o Subúrbio*. Confrontos Literários na Belle Époque Carioca (São Paulo, Edusp, 2006), *A Resignação dos Humildes*. Estética e Combate na Ficção de Lima Barreto (São Paulo, Annablume, 2011), *O Sorriso da Sociedade*. Literatura e Academicismo no Brasil da Virada do Século (1890-1920) (São Paulo, Alameda, 2012), *Educação e Literatura*: ensaios sobre leitura literária e ensino de literatura (São Paulo, Pimenta Cultural, 2020), entre outros.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8324280608314256>.ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9609-4579>.E-mail: maurisil@gmail.com.

1 Título em língua estrangeira: “Écriture artiste: a study on the style of João do Rio and the art nouveau aesthetic”.

Resumo: O presente artigo pretende analisar parte da produção ficcional de João do Rio, observando sua adesão à estética *art nouveau*, o que faz dele um dos principais autores dessa tendência no Brasil. Partindo de uma visão ampla da presença da estética *art nouveau* nas manifestações artísticas brasileiras — especialmente na produção gráfica nacional — na passagem do século XIX para o XX, este artigo busca destacar aspectos de natureza estilística que, sendo próprias da estética *art nouveau*, encontra plena adesão na escritura de João do Rio, revelando não apenas como a expressão artística artenovista manifesta tensões e contradições internas, mas também como ela interage com a realidade sociocultural brasileira durante a vigência de nossa *Belle Époque* literária. Desse modo, João do Rio é inserido num mais amplo sistema literário vigente durante nossa *Belle Époque*, que assumiu incontornáveis dimensões e aspectos nacionais.

Palavras-chave: João do Rio. *Art nouveau*. Estilo. Literatura Brasileira. *Belle Époque*.

Abstract: This article analyzes the João do Rio's fictional production, observing his adherence to *art nouveau* aesthetics, which makes him one of the main authors of this trend in Brazil. Starting from a broad view of the presence of *art nouveau* aesthetics in Brazilian artistic manifestations — especially in national graphic production — in the passage from the 19th to the 20th century, this article highlights aspects of a stylistic nature that, being typical of an *art nouveau* “style”, finds support in João do Rio's writing, revealing not only how the artistic expression of *art nouveau* manifests internal tensions and contradictions, but also how it interacts with the Brazilian sociocultural reality during the duration of our literary *Belle Époque*. In this way, João do Rio is inserted in a broader literary system in force during our *Belle Époque*, which assumed unavoidable dimensions and national aspects.

Keywords: João do Rio. *Art nouveau*. Style. Brazilian Literature. *Belle Époque*.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o aparecimento da estética *art nouveau* coincide com os primeiros anos da República, decorrendo da influência europeia que se verificou, acentuadamente, durante nossa *Belle Époque*, num típico processo de *transplantação cultural* (MOTTA, 1957) que resultaria, por exemplo, na publicação de revistas claramente influenciadas pela nova estética (*Revista da Semana*, *Kósmos*, *Renascença*, *Careta*, *Fon-Fon!*, *O Malho*, *A Avenida*, *Íris*, *Pirralho*); na presença de caricaturistas que cultivavam o traço *art nouveau* (Calixto Cordeiro, Raul Pederneiras, J. Carlos, Voltolino); no trabalho de ilustradores e artistas que se dedicaram àquela linguagem (Eliseu Visconti, Belmiro de Almeida, Lucílio de Albuquerque, Heliuss Seelinger); e, especialmente, para o que nos interessa, na predominância de uma literatura com traços de um suposto estilo *art nouveau* (Coelho Neto, João do Rio, Afrânio Peixoto, Théó Filho, Benjamim Costallat, Hilário Tácito, Augusto dos Anjos e outros).

Dentre os autores citados, João do Rio é, sem dúvida, o autor que mais e melhor incorporou, em parte de sua produção literária, os influxos do artenovismo (PAES, 1985), tanto em seus romances de extração “mundana” (*A profissão de Jacques Pedreira*, 1913; *Correspondência de uma estação de cura*, 1918) quanto em contos com certo impulso “decadentista” (*Dentro da noite*, 1910; *A mulher e os espelhos*, 1919), sem nos esquecermos das crônicas de intensa “laicidade” urbana (*Cinematographo*, 1909; *Vida Vertiginosa*, 1911).

O objetivo deste artigo é analisar parte da produção ficcional de João do Rio, observando sua adesão à estética *art nouveau*, o que faz dele um dos principais autores dessa tendência no Brasil,

revelando não apenas como essa expressão artística manifesta tensões e contradições internas, mas também como ela interage com a realidade sociocultural brasileira durante a vigência de nossa *Belle Époque* literária.

A ESTÉTICA *ART NOUVEAU* E SEUS ESTILEMAS

Tendo em suas origens nomes como os de Augustin Pugin (1813-1852), John Ruskin (1819-1900), William Morris (1834-1896), Walter Crane (1845-1915), William Blake (1757-1827) e outros, o *art nouveau* apresenta algumas constantes estéticas fundamentais, como a estilização da natureza, o apego ao ornamento e à decoração, o apreço pelas composições florais aliadas à temática feminina etc. (CHAMPIGNEULLE, 1976), destacando-se, entre todas elas, um sentido geral de *ornamentação*, cuja principal marca seria, segundo um de seus maiores estudiosos,

la línea ondulada y asimétrica que, qual un látigo, se resuelve en un movimiento cargado de energía [...] a diferencia de la ornamentación estática de casi todos los demás períodos estilísticos, el 'Art Nouveau' está, a la vez, en movimiento y en estado de equilibrio. En el fondo, hay una lucha para compensar el movimiento por medio de una armonía bien equilibrada. (MADSEN, 1967, p. 14)

Muitas vezes, sem conseguir livrar-se completamente da tradição acadêmica, incorporam-se elementos neoclássicos, neobarrocos ou neogóticos, além do exotismo oriental, não sem deixar de correr o risco de, vez por outra, cair no puro esteticismo. De qualquer maneira, uma das marcas mais relevantes do *art nouveau* foi a abolição da hierarquia entre o artista e o artesão,

entre as artes “maiores” e as “menores”, com a valorização das *artes aplicadas* (BARILLI, 1991).

A presença de efeitos curvilíneos, com uma sinuosidade sugestiva em que se destacam a estilização da natureza e o jogo de simetria-assimetria, geometrizando ambas as imagens, sugere, de imediato, a herança do grafismo industrial da passagem do século, marcando de forma deliberada bordas, molduras, vinhetas e afins. Com efeito, como afirma Carol Grafton (1983, s.p.), “the graphic invention of the Art Nouveau movement found some of its fullest expression in frames, borders and similar decorations in books, magazines and advertising”.

Em matéria de artes gráficas, o *art nouveau* emerge como tendência prevalente na passagem daquele período histórico, tendo marcado presença nas páginas não apenas de cartazes, anúncios, monogramas, *ex-libris* e toda sorte de produção gráfica, mas em especial nas principais revistas (*Revue Blanche*, *The Studio*, *Jugend*, *Ver Sacrum*, *Pan*, *The Evergreen*) e livros da época, tanto em suas capas quanto internamente, em frisas, vinhetas, florões, bordas e letras. Destaca-se, nesse sentido, o rigor ornamental que tem no motivo foral e na estilização da natureza seu ponto de partida e chegada, seu fundamento artístico e sua infinita capacidade expressiva dentro os preceitos mais caros à estética *art nouveau*.

O ornamento, aliás, sobretudo quando visceralmente relacionado à natureza, pode ser considerado a base estruturante do artenovismo estético. Com razão, foi um texto sobre a questão do ornamento nas artes e seu vínculo com a natureza que teria influenciado o famoso *Arts and Crafts Movement*, de William

Morris, movimento seminal do *art nouveau* na Europa, em 1856. Owen Jones escreve seu célebre livro *A Gramática dos Ornamentos*, defendendo a tese de que “sempre que um estilo de ornamento desperta admiração universal, ele está invariavelmente de acordo com as leis que governam a distribuição da forma na natureza” (JONES, 2010, p. 18). Embora escrito com vista à arquitetura, sua área de atuação, seu livro serviu de referência a boa parte dos artistas *art nouveau*, que tinham no ornamento *natural* um de seus principais elementos de aplicação estética, levando a estilização da natureza à condição de artifício estético prioritário do *art nouveau* (MACKINTOSH, 1975). Trata-se, claramente, de uma tentativa de conciliar natureza e ornamento, tal como vemos, ainda durante a *Belle Époque* francesa, no *Étude de la plante. Son application aux industries d’art* (1903), de Verneuil.

Estética da revolução industrial, o *art nouveau* buscou valorizar, à sua maneira, o uso de técnicas mecânicas e materiais modernos, em especial por meio de objetos cotidianos (HIESINGER e MARCUS, 1997), o que, além disso, o vincula de modo indelével ao desenvolvimento da burguesia urbana que se verificou ao longo do século XIX (SILVERMAN, 1994), refletindo um verdadeiro *estilo de vida* burguês (HOBSBAWM, 2014).

O ART NOUVEAU E A LITERATURA BRASILEIRA DA PASSAGEM DO SÉCULO

A literatura que se produziu no Brasil da passagem do século XIX para o XX, justamente naquele período que se convencionou chamar de *Belle Époque*, apresentou, do ponto de vista de seu conteúdo, temas que vão do helenismo e do orientalismo

ao mundanismo (SILVA, 2012), sem nos esquecermos de uma produção literária mais militante e de cunho social (SEVCENKO, 1989), numa gama infinita de motivos literários; já do ponto de vista formal, destaca-se, entre muitos outros, o conceito amplo de ornamentalismo, que pode ser entendido, em linhas gerais, como uma tendência ao floreio estilístico, ao retoricismo, ao rebuscamento frásico, à prolixidade. Na literatura desse período, a ornamentação literária se manifestou, muitas vezes, como apego a certos aspectos da estética *art nouveau*, tendência artística vitoriosa durante a *Belle Époque*.

Dissemos “certos aspectos”, pois, a rigor, a estética *art nouveau* — que se caracteriza pela busca de uma nova linguagem artística, inspirando-se nas formas orgânicas da natureza, privilegiando o domínio da sensação e do “misticismo”, apelando para o ornamento e para o decorativismo e tendo como temáticas privilegiadas a natureza e a mulher — é fundamentalmente antiacademicista (CHAMPIGNEULLE, 1976; VERNEUIL & AURIOL, 1974; WALTERS, 1974). Combatendo, até certo ponto, a superficialidade e o conservadorismo artístico, ela buscava diferenciar-se de modo cabal da arte acadêmica, sobretudo no que concerne às artes plásticas, mas também à literatura. As coincidências entre o academicismo e a estética *art nouveau*, portanto, limitam-se ao aspecto da ornamentação, o que pode ser percebido, do ponto de vista gráfico, numa simples leitura das revistas literárias e/ou mundanas que circulavam no período: tanto as revistas de inclinação antiacadêmica (como *Fon-Fon*, *O Malho* ou *Careta*) quanto as de pendor visivelmente acadêmico (como *Renascença*, *Kósmos* ou a *Revista da Semana*) primavam pela valorização do ornamentalismo

gráfico, com seus frisos geométricos, suas molduras florais, seus motivos naturais, seus contornos acentuados, suas estampas espiraladas... tudo devidamente estilizado (OLIVEIRA, 1997; ORLOV, 1980; PAIVA, 1992; GENS FILHO, 1999; DIMAS, 1983).

No fundo, era mesmo esta *fièvre ornamentale*, de que fala Delevoy (1958), que acabava contando para os escritores, os quais procuraram, sobretudo na perspectiva da forma, adaptar conceitos do artenovismo à expressão literária academicista, tornando mais efetivo o imbricamento entre as artes plásticas e a literatura (HELD, 1981; MOTTA, 1957; MOTTA, 1983; LIMA, 1985).

Críticos como Alfredo Bosi (1988, p. 220) consideram o *art nouveau* uma das marcas mais salientes da *Belle Époque* literária, manifestando-se como uma prosa estilizada e ornamental:

Dos fins do século à guerra de 1914-18, a corrente mestra de nossa literatura, a que vivia em torno da Academia, dos jornais, da boêmia carioca e da burocracia, admirou supremamente esse estilo floreal, réplica nas letras do ‘art nouveau’ arquitetônico e decorativo que então exprimia as resistências do artesanato à segunda revolução industrial.

Trata-se, em poucas palavras, daquele “esplendor *art nouveau*” de que nos fala Brito Broca (1960); ou, para citar apenas mais um estudioso do assunto, da “exuberância ornamental” referida por José Paulo Paes (1985), no mais consistente trabalho sobre a influência da estética *art nouveau* nas letras brasileiras.

Não é difícil, neste sentido, perceber a dívida de alguns dos mais representativos escritores de nossa *Belle Époque* para com a expressão *art nouveau*, seja pelo emprego de temas próprios dessa tendência, a estilização e a procura de efeitos estilísticos (caso de

um João do Rio ou um Benjamim Costallat); seja pela obsessão por torneios frásicos e pelo retoricismo ornamental (caso de Coelho Neto ou de Xavier Marques).

Mas nem todo ornamento provém da estética *art nouveau*. No Brasil, sobretudo entre os academicistas, tivemos, por exemplo, a prosa ornamental de Rui Barbosa, proveniente antes de seu retoricismo jurídico; ou mesmo parte da produção de Coelho Neto, nascida também de uma obstinada procura pelo linguajar preciosista e pelos efeitos de estilo, em muitos aspectos diferente da escrita de um João do Rio ou de um Benjamim Costallat, cujos ornamentos deviam muito ao formalismo estilizado difundido pela Arte Nova.

Torneios frásicos, períodos prolixos, orações rebuscadas, excesso de subordinação nos parágrafos, efeitos de estilo, processos de metaforização e de figuração da linguagem, copiosidade vocabular... Essas eram as marcas predominantes do discurso literário de feito ornamental. Tudo revelando a tensão entre *estilos*, colocando, de um lado, aqueles que, como Coelho Neto (1913, p. 111), defendiam a “disciplina de estylo” e, de outro, aqueles que, como Lima Barreto (1956, p. 75), condenavam as “chinesices de estilo”, ambos os conceitos empregados aqui no sentido de pomposidade e variação.

Esses floreios sintáticos, esse discurso rebarbativo, essa dicção oratória e classicizante fazem parte de um *estilo ornamental* próprio daqueles escritores afeitos a um deliberado empolamento frásico, a uma adjetivação exuberante e diversificada e a um vocabulário particularmente rebuscado. Muitas vezes, não se trata apenas de pomposidade e rebuscamento, senão de prolixidade, o que

redunda num estilo às vezes pouco apropriado à relativa leveza de um artenovismo literário.

Porém, se, por um lado, a estilização pode ser considerada parte de um “projeto” de constituição estilística, levado a cabo com empenho e rigor pela Academia — considerando os conceitos de *mundanismo* e *esteticismo* mais ou menos similares, pois, como disse com propriedade Gilberto Amado (1958), “mundanismo e esteticismo comandavam, sob o signo da Futilidade, não só o movimento social como o literário também” (p. 79) —, essa mesma categoria, a de estilização, é tomada como conceito fundamental na definição/constituição de uma estética literária *art nouveau* na passagem do século XIX para o XX.

MARCAS ESTILÍSTICAS ART NOUVEAU NA BELLE ÉPOQUE LITERÁRIA BRASILEIRA

Os melhores estudos sobre a presença do *art nouveau* na literatura brasileira, incluindo marcas estilísticas em determinadas obras e autores, foram realizados pelo poeta, tradutor e crítico literário José Paulo Paes. Trata-se de dois estudos seminais, publicados em sua coletânea de ensaios críticos, intitulada *Gregos e Baianos* (1985), em que o autor discorre sobre a presença daquela estética em alguns autores de nossa literatura, sobretudo a produzida em fins do século XIX e início do XX.

No primeiro estudo, Paes (1985a) aborda a incidência do *art nouveau* sobre a literatura brasileira de modo mais geral, lembrando, antes de tudo, de que se trata de uma manifestação artística típica da chamada *Belle Époque*, espalhando-se por todo o mundo ocidental, chegando, inclusive, ao Brasil. Tendo como

ponto de partida a ideia de *estilização*, processo responsável — na dinâmica do *art nouveau* — em transformar o natural em ornamental, Paes afirma que, no Brasil, pode-se falar tanto em “ornamentação superficial” (p. 72) quanto em “ornamentação consubstancial” (p. 72). O *ornamento superficial* ocorreria nos escritos que se contentam em fixar, superficialmente, as elegâncias e vícios da nossa *Belle Époque* (João do Rio, Afrânio Peixoto, Théo Filho, Benjamim Costallat, Hilário Tácito); o tema da mulher moderna e fútil; o regionalismo de fachada e pitoresco (Alcides Maia, Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos); o verbalismo ornamental (Coelho Neto); a união entre ciência e natureza, sob o signo da estilização (Euclides da Cunha); e o vitalismo nietzscheano (Graça Aranha). Já o *ornamento consubstancial* foi abordado pelo autor no outro texto a que nos referimos, destacando-se, ali, a figura de Augusto dos Anjos. De qualquer maneira, não podemos deixar de consignar, para este estudo, o fato de Paes (1985a) tomar João do Rio como um exemplo acabado de artista *art nouveau*, considerando desde seu vestuário e estilo de vida até os autores que admirava (D’Annunzio e Wilde), sem deixar de passar pela temática de alguns de seus escritos, tudo nele denunciando um adepto assumido do novo estilo.

Em seu segundo estudo dedicado ao tema, Paes (1985b) começa lembrando que o célebre livro de Augusto dos Anjos — *Eu* (1912) — surge numa época em que predominava uma estética não programática, a que se pode denominar artenovismo, como referência ao *art nouveau* que prevaleceu como estilo da *Belle Époque*. Assim, segundo o autor, o *art nouveau* não foi somente um estilo devotado ao mundanismo e ao diletantismo, mas

também um estilo voltado ao gosto do mórbido, uma espécie de “literatura-esgar” (PAES, 1985b, p. 83), própria do decadentismo *fin-de-siècle* e da poética de Augusto dos Anjos. Assim, a obra do escritor paraibano aproximar-se-ia da estética *art nouveau*, tanto por seu apego a temas soturnos e macabros, quanto por sua linguagem cientificista, afeita a uma espécie de ornamentalismo vocabular: “o termo científico tem, na poesia de Augusto dos Anjos, uma função decorativa [...] que o redime de sua precariedade histórica enquanto valor de verdade para dar-lhe um valor supra-histórico e estético de metáfora” (PAES, 1985b, p. 87), diz-nos o autor. É, portanto, exatamente esse ornamentalismo verbal que faz da poesia de Augusto dos Anjos uma poesia tipicamente *art nouveau*. Contudo, o ornato do poeta possuiria uma expressividade singular, já que se trata, segundo Paes (1985b, p. 91), de um ornato consubstancial a uma visão anatômica, microscópico-telescópica, do mundo: “a microscopia, enquanto técnica de apinhamento ou entulhamento *art nouveau*, comparece no *Eu* precisamente sob a forma da pletora cientificista da sua linguagem”. Finalmente, Paes (1985b) completa seu raciocínio lembrando que essa adesão de Augusto dos Anjos à estética *art nouveau* não ocorre de forma deliberada, mas involuntariamente, já que, para o crítico paulista, apenas João do Rio talvez tenha aderido deliberadamente ao *art nouveau*.

Salta aos olhos, mesmo do leitor mais desatento, o fato de, em ambos os estudos, José Paulo Paes destacar a figura de João do Rio como nosso mais consciente e recorrente escritor *art nouveau*. Evidentemente, ele não foi o único que, em maior ou menor grau,

revelou em seus escritos marcas, sobretudo estilísticas, daquela estética. Como já assinalamos antes, o estilo *art nouveau* esteve presente tanto na escrita quanto na temática de outros autores, como Coelho Neto, por meio de uma *escrita farfalhante* (LOPES, 1994); Xavier Marques, por meio do *ornamentalismo* (SALLES, 1977); ou Benjamin Costallat, pelo predomínio do *decorativo* (GENS e GENS, 1985).

O ESTILO ART NOUVEAU DE JOÃO DO RIO

Em João do Rio, o *art nouveau* revela-se não apenas em seus temas e motivos literários, mas também como marca estilística, presente de modo mais ou menos recorrente em seus escritos. A chamada *écriture artiste*, própria dos escritores que — a exemplo de Oscar Wilde ou Gabriele D’Annunzio — cultivavam uma linguagem literária entre excessiva e artificiosa, surgia nos escritos de João do Rio de modo habitual (MARTINS, 1971; MARTINS, 1972), embora se manifestasse também na literatura de um Raul Pompéia (PAES, 1985a) ou um Gonzaga Duque (GUIMARÃES, 1988).

Não é por outro motivo que, segundo João Carlos Rodrigues (1994), João do Rio seria nosso melhor representante do estilo *art nouveau*, além de, em matéria de pintura, desprezar o naturalismo e elogiar os artistas inclinados para essa tendência estética, como Elyseu Visconti e Helios Seelinger (RODRIGUES, 1996). Tratando mais diretamente do estilo do escritor carioca, Carmen Lúcia Tindó Secco (1978, p. 28) lembra que “o estilo de João do Rio, cheio de metáforas que semanticamente denotam o brilho e o gosto pela ostentação, cheio de rebuscamentos, de floreios verbais, de torneios de frase, pode ser chamado de *art nouveau*”.

Haveria, assim, em João do Rio, não apenas indícios extraliterários (divulgação de determinados artistas, seu comportamento *dândi* etc.) ou sinais paraliterários (as capas de alguns de seus livros, por exemplo) que denotam sua adesão deliberada à estética *art nouveau*, mas também *marcas literárias* explícitas, responsáveis por fazer dele, como a crítica tem exaustivamente assinalado, um de nossos mais completos escritores *art nouveau*. E isto tanto do ponto de vista formal quanto em seu conteúdo, tanto no que compete ao seu estilo quanto no que se refere aos temas e motivos recorrentes em sua produção ficcional.

Para seu estilo, objeto principal deste trabalho, concorre uma linguagem literária que não dispensa — pelo contrário, acentua, seja por meio da escolha de vocábulos mais ou menos raros e incomuns, seja por meio do emprego de uma sintaxe relativamente rebuscada — a circularidade, o enredamento, a sinuosidade, os torneios frásicos, o ornamental e o espiralado, o curvilíneo, o ondulante e o sinuoso... indícios claros da influência exercida pelo *art nouveau* em sua escritura literária. São marcas de um estilo abundante, sem ser desmesurado como os parnasianos; profícuo, sem ser sintético como os modernistas; incisivo, sem ser impetuoso como os realistas.

Assim, não é difícil encontrar entre seus escritos, como sugerimos antes, um estilo marcado pelo sentido de circularidade, com claros efeitos de sinuosidade linguística, como nestes dois excertos retirados de seu romance *A profissão de Jacques Pedreira*:

Como seu marido, o célebre advogado Gomes Pedreira, consultor de várias companhias inglesas, era um fino homem, muito relacionado, a esposa

vivia numa roda-viva, sempre a aceitar e oferecer (oferecer mais, sempre), almoços, jantares, festas a ilustres conhecidos, quase desconhecidos e mesmo por conhecer. (RIO, 1992a, p. 2)

Jacques sofria sem saber que sofria, com a promiscuidade daquele pessoal [...]. Oh! A existência não era afinal apenas o seu reduzido grupo, com as suas reduzidas pândegas e reduzidíssimas ideias. (RIO, 1992a, p. 35)

Como se vê, em ambos os casos há uma profusão de repetições, termos derivados, vocábulos pertencentes à mesma família semântica etc., como “*sempre a aceitar e oferecer (oferecer mais, sempre)*”; “*ilustres conhecidos, quase desconhecidos e mesmo por conhecer*”; “*sofia sem saber que sofria*”; “*reduzido grupo, com as suas reduzidas pândegas e reduzidíssimas ideias*” (grifos nossos).

Alguns torneios frásicos, com efeitos de rebuscamento, marcas do estilo *art nouveau*, presentes na escrita literária de João do Rio, podem ser identificados em seu outro romance “mundano”, *Correspondência de uma Estação de Cura*, de onde destacamos o excerto abaixo:

Os extraordinários conhecimentos que a vida me tem proporcionado nesta vilegiatura de neurastenia ativa devem te ter feito rir. Os progressos são de tal forma alarmantes que não posso furtar-me ao desejo de tos comunicar como um castigo para minha passada inconsciência... (RIO, 1992b, p. 58)

Nesse trecho, percebe-se claramente a profusão de verbos na composição formada por locução verbal atípica, conjugada ao uso de pronomes e locução pronominal igualmente pouco usual num registro linguístico mais “popular” (“posso furtar-me ao desejo de tos comunicar”).

Em alguns de seus contos, repete-se o uso de um estilo que poderíamos denominar, sem muito esforço, de *ornamental*, conjugado ao motivo *floral*, porventura, duas das mais relevantes características da estética *art nouveau*, como se pode constatar no excerto abaixo transcrito, retirado de seu livro *Dentro da noite*:

Um lindo corpo, um corpo branco, cor de leite, que tem todos os suspiros campinos das boninas, dos malmequeres, das margaridas, o sonho casto das violetas brancas e o anseio tranquilo, o cheiro animal de qualquer coisa que se não sabe! Um corpo moreno, feito de um raio de sol, guardando a carnação das rosas e o cheiro da lascívia. (RIO, 1910, p. 251)

Percebe-se, neste trecho, a recorrência, como sugerimos antes, de motivos florais que se sucedem, criando um efeito de ornamento e visualidade ímpares (“boninas”, “malmequeres”, “margaridas”, “violetas”, “rosas”), além do contraste de sugestivo efeito estilístico relacionado à figura feminina — ícone maior da expressão artística *art nouveau* — entre o “corpo branco, cor de leite” e o “corpo moreno, feito de um raio de sol”.

Não podemos deixar de destacar a ocorrência, relativamente comum no estilo de João do Rio, de efeitos *ondulantes* e *sinuosos*, que se dão, sobretudo, por meio das formas repetitivas, idênticas ou semelhantes, como neste trecho de *Cinematographo*:

É mentira, é tolice, é calúnia. Empenhos sempre os houve e haverá; gente idiota querendo ser bacharel e passando, nos cursos, sempre houve e haverá [...]. Reformemos, reformemos, reformemos quanto for possível aos legisladores. (RIO, 1909, p. 38)

e de *Vida vertiginosa*:

O reclamo é o rochedo a que se agarram os salvados do desastre — o reclamo gritado, estridente, reclamo que é às vezes mentira, que é às vezes inconveniência, que chega a ser calúnia... (RIO, 1911, p. 72)

Aqui, as repetições e formas semelhantes sugerem sinuosidades estilísticas (“*houve e haverá* [...] sempre houve e haverá [...] Reformemos, reformemos, reformemos”) e ondulações de linguagem (“que é às vezes [...] que é às vezes [...] que chega a ser”) ...

Como podemos perceber, nos excertos transcritos destacam-se os recursos estilísticos que, de modo direto ou indireto, sugerem a adesão de João do Rio ao *art nouveau*, corroborando a “tese” segundo a qual ele se afirmaria como nosso mais completo escritor artenovista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *art nouveau* como expressão estética de relevo na produção literária brasileira da passagem do século XIX para o XX é, ainda, um fenômeno a ser mais bem estudado pela crítica e historiografia literárias.

Sem se limitar às expressões artísticas de natureza gráfica (escritos, ilustrações, desenhos, caricaturas etc.), revelando-se também em outras expressões “estéticas” (ornamentação, decoração, paisagismo etc.), a presença do *art nouveau* no Brasil manifesta-se, de modo privilegiado, na arquitetura, como ocorre no Rio de Janeiro, onde se espalhava “democraticamente” pelos principais pontos da cidade (ARESTIZABAL, s.d.), em Belém (BASSALO, 2008) ou em São Paulo (SILVA, 2014).

De qualquer maneira, seja na arquitetura, seja nas demais manifestações artísticas — da pintura à literatura, da decoração de

interiores à escultura, das artes gráficas às artes aplicadas —, o *art nouveau* destacou-se, sobretudo, por uma generalizada estilização da natureza que, manipulada pelo homem, transforma-se no mais puro *objeto de arte*: é, como afirmava Luis Henri Sullivan — um dos expoentes da célebre Escola de Chicago, centro da moderna arquitetura da passagem do século XIX para o XX —, em seu famoso *A system of architectural ornament according with a philosophy of man's power* (1924), o primado da fusão do orgânico (natureza) com o inorgânico (obra), tudo intermediado pelo *poder* e pela *vontade* do homem (SULLIVAN, 2011).

Neste artigo, procuramos demonstrar não apenas a “atmosfera” produzida pela estética *art nouveau*, mas principalmente como seus “estilemas” acabaram por se projetar sobre parte de nossa produção literária naquele período, fazendo com que o já eclético cenário artístico de nossa *Belle Époque* se tornasse ainda mais diversificado e — até certo ponto, ainda que um pouco tardiamente —, em sintonia com as principais tendências estéticas europeias. E a produção ficcional de João do Rio — com seu “estilo desinquieto e coloridíssimo, cheio de fulgurações originais e excessos inconfundíveis” (NEVES-MANTA, 1976, p. 101) — revela, mais do que qualquer outra, o quanto o *art nouveau* foi incorporado, tanto temática quanto formalmente, na escrita literária do período.

REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

ARESTIZABAL, Irma. *Rio Art Nouveau/Art Deco* (Guia para uma história urbana). Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, s.d.

BARILLI, Renato. *Art Nouveau*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil — 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CHAMPIGNEULLE, Bernard. *A “Art Nouveau”*. São Paulo: Verbo/Edusp, 1976.
- DELEVOY, Robert L. *Victor Horta*. Bruxelas: Elsevier, 1958.
- DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos*. Análise da Revista Kosmos: 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983.
- GENS, Armando; GENS, Rosa Maria de Carvalho. A Visita do Inspetor ou o Dublê de Sanitarista. In: COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, p. 09-16, 1995.
- GENS FILHO, Armando Ferreira. *Visibilidade e Espacialidade: Poetas, Poemas, Livros, Jornais e Centros Culturais entre 1870-1900*. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH - Universidade de São Paulo, 1999.
- GRAFTON, Carol Belanger (Ed.). *Art Nouveau Frames & Borders*. New York: Dover, 1983.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. Gonzaga Duque: Ficção e Crítica de Artes Plásticas. In: CARVALHO, José Murilo de et al. *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 83-103, 1988.
- HELD, Maria Sílvia Barros de. *Considerações Plásticas sobre “Art Nouveau” nos Anúncios Publicitários Ilustrados do Início do Século XX em São Paulo*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), ECA — Universidade de São Paulo, 1981.
- HIESINGER, Kathryn; MARCUS, George H. *Antique Speak*. A guide to the styles, techniques, and materials of the decorative arts, from Renaissance to Art Deco. New York: Abbeville Press, 1997.
- HOBBSAWM, Eric J. Art Nouveau. In: HOBBSAWM, Eric J. *La fine della cultura: Saggio su un secolo in crisi di identità*. Milano: BUR Saggi, 2014.
- JONES, Owen. *A Gramática do Ornamento*. São Paulo: SENAC, 2010.
- LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Produção Literária*. São Paulo — Década de Vinte. São Paulo: IEB, 1985.
- LOPES, Marcos A. Coelho Neto: Devaneios Poéticos na Escrita Art Nouveau. *Anais do Quarto Congresso da Abralic*, São Paulo: Edusp, p. 601-605, ago., 1994.

- MACKINTOSH, Alastair. *Symbolism and Art Nouveau*. London: Thames and Hudson, 1975.
- MADSEN, Stephan Tschudi. *Art Nouveau*. Madrid: Guadarrama, 1967.
- MARTINS, Luís. João do Rio: a Vida, o Homem, a Obra. In: RIO, João. *Uma Antologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, p. 07-17, 1971.
- MARTINS, Luís. João do Rio. *Suplemento Literário*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, p. 19-31, 1972.
- MOTTA, Flávio. *Contribuição ao Estudo do "Art Nouveau" no Brasil*. São Paulo: s.p., 1957.
- MOTTA, Flávio. Art-Nouveau, Modernismo, Ecletismo e Industrialismo. In: ZANINI, Walter (Org). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, vol. 1, p. 453-484, 1983.
- NETO, Coelho. *Compêndio de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- NEVES-MANTA, I. de L. *A Arte e a Neurose de João do Rio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- OLIVEIRA, Ana Luiza Martins Camargo. *Revistas, em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. 1890-1922*. 1998. Tese (Doutorado) FFLCH — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- ORLOV, Martha Livia Volpe. *Revista do Brasil e a Formação de uma Consciência Nacional*. 1980. Dissertação (Mestrado), FFLCH — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos: Ensaio*. São Paulo: Brasiliense, p. 64-80, 1985a.
- PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art nouveau. In: PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos: Ensaio*. São Paulo: Brasiliense, p. 81-92, 1985b.
- PAIVA, Denise Maria de. *As Categorias da Literatura Brasileira na Revista do Brasil (1916-9)*. Assis, Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, 2 vols, 1992.
- RIO, João do. *Cinematographo (Chronicas Cariocas)*. Porto: Chardron, 1909.
- RIO, João do. *Fados e Canções de Portugal*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.

- RIO, João do. *Dentro da Noite*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- RIO, João do. *Vida Vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.
- RIO, João do. *João do Rio. Uma Biografia*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1996.
- SALLES, David. *O Ficcionista Xavier Marques: Um Estudo da 'Transição' Ornamental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Morte e Prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Instituto Estadual do Livro, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SILVA, Maurício. *O Sorriso da Sociedade: Literatura e Academicismo no Brasil da Virada do Século (1890-1920)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- SILVA, Maurício. Meu café por seu estilo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: n. 108, ano 10, p. 60-65, set., 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160416050631/http://rhbn.com.br/secao/perspectiva/estilo-para-quem-tem-cafe>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- SILVERMAN, Debora L. *L'art nouveau en France: Politique, psychologie et style fin de siècle*. Paris: Flammarion, 1994.
- SULLIVAN, Louis Henri. *Um sistema de ornamento arquitetônico coerente com uma filosofia dos poderes do homem*. Londrina: Edue, 2011.
- VERNEUIL, Maurice Pillard. *Étude de la plante. Son application aux industries d'art*. Paris: Librairie Centrale des Beaux-Arts, 1903.
- VERNEUIL, Maurice. AURIOL, Georges. *Art Nouveau Designs in Color*: Alphonse Mucha. New York: Dover, 1974.
- WALTERS, Thomas (Ed). *Art Nouveau Graphics*. New York: St. Martin, 1974.